

HENRIQUETA LISBOA - UMA BIOGRAFIA INTELECTUAL

Constância Lima Duarte
UFMG

*Talvez — condenada ao deserto —
eu realize apenas miragem
na imaginação dos homens.
'Raiz Amarga'*

É com prazer que apresento notícias de minha nova pesquisa. Pretendo, nos próximos anos, estudar a obra poética de Henriqueta Lisboa situando-a criticamente perante seus contemporâneos, locais e nacionais, e observar os laços existentes entre poesia e vida intelectual. Pretendo também recolher e organizar sua correspondência com alguns intelectuais, como Mário de Andrade, Cecília Meireles, Gabriela Mistral, entre outros, e tentar relacionar a escritora com o contexto histórico e cultural da época, em especial no que diz respeito ao papel da mulher no mundo das letras e na sociedade. Pretendo, enfim, redigir uma biografia intelectual da escritora, contendo sua participação na vida cultural de sua época, seu relacionamento com os intelectuais contemporâneos e uma análise de sua poética.

Meu interesse pela figura e pela obra de Henriqueta Lisboa é antigo. Creio que iniciou há uns dez anos, pelo menos, quando realizei pesquisas em torno dos comentários emitidos por críticos brasileiros (das primeiras décadas até meados do século) acerca dos escritos assinados por mulheres. Surpreendeu-me, na época, verificar como predominava entre eles (Sílvio Romero, José Veríssimo, Álvaro Lins, Sérgio Milliet, Mário de Andrade e Tristão de Athayde) a idéia de que literatura feminina deveria sugerir necessariamente delicadeza, suavidade e transparência. Muitos confessaram a dificuldade que sentiam em fazer crítica em livros de autoria feminina, pois julgavam indispensável manter “a mais elementar galantaria”, uma vez que lidavam com “senhoras” e “senhoritas”.

Apesar de a maioria dos críticos afirmar reconhecer nas mulheres capacidades intelectuais semelhantes aos seus pares, pode-se perceber entre eles uma certa relutância em admitir que determinado livro de uma poetisa tinha realmente um valor estético, bem como a confusão, em seus textos, entre a obra e a pessoa da escritora. A identificação da obra à figura da autora e ao seu corpo é facilmente verificada na presença exagerada de adjetivos relacionados à gestação e ao nascimento, ou no destaque de qualidades que seriam o apanágio das mulheres, numa perpetuação da velha oposição entre *valores* masculinos e femininos. Assim, expressões como “poemas delicados”, “ligeiros”, “misteriosos” e “feminis” são freqüentes, da mesma forma que “poema viril”, “forte” e “duro”, quando a intenção era aplaudir.

No caso específico de Henriqueta Lisboa, ao lado de elogios à sua habilidade com o verso livre, à não subordinação às correntes da poesia moderna, e ao profundo conhecimento dos recursos da arte poética, por exemplo, encontramos críticas a poemas que teriam sido construídos mais com a “habilidade verbal” do que com a “imaginação criadora”, isto é, em que predominaria a presença da artífice, em detrimento da poetisa. (No caso da mulher, tal postura costumava ser apontada como negativa). Também são numerosas as considerações que estão claramente relacionadas à figura da mulher, como “poesia tímida”, “discreto testemunho do mundo”, “lirismo frágil”, “recolhido”, “suave”, “leve”, “etéreo”, “feminino”... Como as demais escritoras brasileiras que começavam a publicar entre os anos 20 e 30, Henriqueta Lisboa esteve à mercê dos preconceitos da

crítica; e também ela teve que aprender a conviver com essa crítica. Como o conseguiu, será também motivo de nossas reflexões.

Por acreditar que a obra poética dessa autora constitui-se em significativa referência ao conhecimento da poesia — tanto mineira como nacional —, principalmente da realizada por mulheres, e que seu nome também deve ser lembrado como alguém que se dedicou à crítica, à tradução, à reflexão de temas importantes na sua época, interessa-me realizar esta investigação, para tentar apreender seu perfil intelectual. Ao todo são trinta títulos, entre poemas, ensaios, crítica literária, traduções e antologias. A diversidade da obra revela-nos não só os diferentes interesses que a mobilizaram, como as muitas contribuições que nos legou.

Apesar de considerada “um de nossos mais fortes e perfeitos poetas” (Manuel Bandeira)¹, “uma das mais altas vozes líricas” (Heitor Martins), “um dos poetas mais puros do Brasil” (Sérgio Milliet) e, até, “dos maiores poetas da língua portuguesa” (Otto Maria Carpeaux), Henriqueta Lisboa parece ter levado uma vida *ascética* e conformada com a imagem idealizada de poetisa e de mulher que construíram em torno de si.

Contemporânea de Gilka Machado, sua poesia — musical, etérea e desencarnada — aproxima-se mais daquela realizada por Cecília Meireles, aliás, ao lado de quem é constantemente citada. Desde as primeiras publicações — *Fogo Fátuo* (1925), *Enternecimento* (1929) e *Velário* (1936) - a autora marca um posicionamento distinto da maioria dos poetas contemporâneos, preocupados em acompanhar os novos modismos. Daí, muitos estudos chamarem atenção para sua desvinculação em relação às tendências poéticas de seu tempo e por ter passado “apenas de raspão” pelo modernismo, segundo a expressão de Affonso Romano de Santana.

Muitos de seus poemas estão traduzidos para o alemão, o espanhol, o francês, o húngaro, o grego, o inglês, o italiano e, brevemente, para o russo. A maioria dos livros têm merecido leituras, resenhas e monografias, não só no Brasil, mas principalmente na América Hispânica, nos Estados Unidos e na Europa. E, entre nós, o Suplemento Literário *Minas Gerais*, dedicou-lhe três números especiais, reunindo alguns dos mais importantes estudos críticos sobre ela, como os de Antonio Candido, Maria José de Queiroz, Ivan Lins e Maria Luisa Ramos.

A temática mais recorrente na obra de Henriqueta Lisboa gira em torno da mulher, da solidão, de lembranças da infância feliz, da tradição mineira, além de reflexões obsessivas sobre a morte. Como ensaísta, publicou *Alphonsus de Guimaraens* (1945), *Convívio Poético* (1955), *Vigília poética* (1968) e *Vivência Poética* (1977), além de algumas dezenas de artigos que se encontram dispersos na imprensa.

Outras vertentes da obra de Henriqueta que destaco: a preocupação com a formação de um público leitor e o desejo de expressar poeticamente suas origens mineiras. A primeira, evidencia-se em livros como *O menino poeta*, *Antologia poética para infância e a juventude* e *Literatura oral para a infância e a juventude*. Esta preocupação, partilhada com autores como Érico Veríssimo e Monteiro Lobato, por exemplo, manifestava-se tanto na elaboração de livros próprios para os jovens, como em conferências, na publicação de ensaios e na seleção de textos para antologias. A propósito, Henriqueta explicita na Introdução da *Antologia poética para a infância e a juventude*, a intenção de contribuir para a educação através da arte, porque somente “a arte aprimora a sensibilidade, desenvolve os sentidos em direção dignificante, estimula a faculdade intuitiva, imaginativa e criadora, promove a compreensão dos seres e coisas, para além dos reinos da inteligência”. Ao final, encerra afirmando que era esse “o livro que desejaria ter lido na meninice”.

¹ Cf. *Brief History of Brazilian Literature*. Washington: Pan America Union, 1958. (Apesar de ter a autora em tão alto conceito, o mesmo Manuel Bandeira, curiosamente, sequer a menciona em seu livro anterior, *Apresentação da Poesia Brasileira* (Rio de Janeiro: Casa do Estudante, 1957).

Quanto à segunda vertente, vários críticos já apontaram para o fato de sua obra estar perpassada pelo amor à terra e pelo espírito de Minas Gerais. Livros como *Madrinha Lua*, *Montanha viva - Caraça* e *Belo Horizonte, bem querer* concretizam a intenção autoral de registrar as matrizes culturais que personalizariam a terra mineira, e de construir literariamente as origens. A partir de fatos, personagens históricos e lendas que compõem a fisionomia de Minas, a autora demonstra a sua capacidade em ligar o local ao universal e revela sua identificação aos motivos mais intrinsecamente mineiros.

Hoje, quando se relativizam as exigências modernistas em torno de questões como a “literariedade”, ou do que Otávio Paz chamou de “tradição da ruptura”, torna-se oportuna e necessária a releitura da produção de Henriqueta Lisboa. Como outros, que correram paralelos ao modernismo e foram chamados “poetas menores” por não terem sido “revolucionários” nem inaugurado novas frentes, a poetisa merece ser contemplada a partir de parâmetros estabelecidos por uma nova crítica preocupada com o resgate, com o *outro*, com o questionamento do cânone, com o redimensionamento do procedimento construtivo do fazer literário, de forma a permitir a reordenação dos valores estéticos e ontológicos de Henriqueta Lisboa, a partir de sua postura literária e de sua presença na intelectualidade mineira.

Este projeto de pesquisa está vinculado ao Projeto Integrado Acervo dos Escritores Mineiros, uma importante iniciativa do Centro de Estudos Literários (CEL) da UFMG, dedicado ao resgate, à reconstrução e preservação de nossa memória literária. O Acervo dos Escritores Mineiros tem contribuindo decisivamente para tornar o Estado e a Universidade Federal de Minas Gerais em referência para os estudiosos, nacionais ou estrangeiros, no campo dos estudos literários, ao abrigar o conjunto de documentos que pertenceram aos escritores Murilo Rubião, Henriqueta Lisboa, Oswaldo França Júnior e Abgar Renault, e também coleções especiais como as de Aníbal Machado, as cartas de Alexandre Eulálio para Lélia Coelho Frota, a correspondência de Octávio Dias Leite com Graciliano Ramos, Lúcio Cardoso e Marques Rebelo, e ainda cartas de escritores mineiros para a poetisa portuguesa Ana Hatherly. O Projeto pretende, além do resgate de preciosos documentos da vida cultural do Estado e do país, permitir inclusive uma reavaliação e uma releitura da história cultural do país, ao dar ao pesquisador a possibilidade de novas leituras desse imenso repertório e de todos os outros objetos que constituíram o cenário da vida intelectual de cada autor.

Minha fonte primeira (e a principal) será justamente o material que se encontra depositado na Sala Henriqueta Lisboa, que tenta reconstituir quase o mesmo ambiente em que ela trabalhava. Lá se encontra sua mesa, a máquina onde datilografava seus textos, os quadros, as gravuras de Portinari com que Mário de Andrade a presenteou, o enorme e bem conservado armário cheio de papéis, a caixa de madeira — quase um porta-jóia — que guarda ainda hoje fotografias e bilhetinhos do querido Mário, entre outros objetos pessoais, como medalhas e prêmios ganhos ao longo da vida. Também, lá estão as cartas que trocou com intelectuais de todo país e até do exterior; seus manuscritos, as diversas edições de seus livros, e sua biblioteca. São centenas de livros, muitos com dedicatórias e valiosas primeiras edições que revelam as amizades, as preferências literárias, a formação intelectual, enfim. Este acervo constitui-se, a nosso ver, em precioso manancial de pesquisas tanto a respeito da própria poetisa, como da vida intelectual brasileira, da crítica e das relações entre os intelectuais mineiros e seus pares nacionais.

Esgotada esta etapa, pretendo ampliar a pesquisa pelos arquivos dos principais jornais do país, e por bibliotecas públicas e particulares para verificar a existência de outros e novos documentos de e sobre a autora (tais como ensaios, artigos, teses, monografias e reportagens) e contribuir para a atualização do acervo da UFMG. Também tenho intenção de entrevistar parentes, professores e escritores que conviveram com a autora e de estudar sua correspondência, como as cartas para Mário de Andrade que se encontram depositadas

no IEB/USP no acervo do escritor, de modo a completar a importante correspondência trocada entre os dois escritores, hoje apenas parcialmente conhecida.

Interessa-me, pois, tentar abarcar nesta pesquisa uma Henriqueta de corpo inteiro: sua vida e sua obra, sua poesia e sua memória. Resgatar não só o ser humano sensível que se encontra em todo poeta, mas também apreender suas idéias, opiniões e sentimentos.